

身 *MI*: O Corpo e sua Projeção Antropológica na Tradição Proverbial Japonesa

Chie Hirose
Doutoranda Feusp

Caminhos Indiretos para o Homem

Josef Pieper - um dos mais destacados pensadores do século XX - “especializado” precisamente em Antropologia Filosófica, campo que ele mesmo ajudou a consolidar, aponta uma peculiar dificuldade de pesquisar, nesse sentido, sobre o homem: trata-se de um “objeto” ao qual só temos acesso indireto: as grandes experiências, os grandes *insights* que o homem tem a respeito de si mesmo acabam por escapar-lhe da consciência e se objetivam em linguagem e outras realidades humanas:

(...) a necessidade de um caminho indireto para o filosofar. Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do quotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*. Estes são os três "sítios" (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência. Há um parágrafo essencial de Pieper sobre essas três vias privilegiadas de acesso: “Que significa experiência? Um conhecimento com base num contato direto com a realidade Mas os resultados que obtemos não desaparecem quando cessa o ato de experiência; acumulam-se e conservam-se: nas grandes instituições, no agir dos homens e no fazer-se da linguagem” (Lauand: 2007:125)

Nesse quadro, de acesso indireto ao homem, os provérbios (e aí podemos incluir as expressões idiomáticas) adquirem especial importância: recolhem a experiência coletiva de uma comunidade, interagem dialeticamente com a linguagem, formam informalmente a educação coletiva etc.

Outras dificuldades metodológicas

Quando nosso olhar se dirige a um conceito antropológico tão essencial como o de *Mi* (身) na tradição japonesa - numa primeira aproximação, *corpo, self, realidade humana* etc. - a dificuldade de apreensão, de explicitação, parece elevar-se ao infinito. Não que se trate de um conceito bizarro, artificial ou estranho, mas precisamente por sua adequação e acerto torna-se tão inapreensível quanto o próprio homem. Para o *Mi* (身), como para os grandes temas antropológicos, sempre vige aquela famosa e

felicíssima observação de Agostinho, originalmente refletindo sobre o que é o tempo: se ninguém me pergunta, eu bem sei o que ele é; se eu quiser explicar, não sei (*Si nemo me quaerit, scio...*).

Uma dificuldade adicional provém do fato de que temos - como costuma ocorrer no sistema língua/pensamento oriental - uma relativamente alta acumulação semântica em *Mi* (身), comparativamente às abordagens ocidentais: *Mi* (身) é o corpo e ao mesmo tempo o homem todo; *Mi* (身) é o *self* etc. Se bem que, na verdade, mesmo as antropologias ocidentais acabam incluindo - de modo mais ou menos consciente e explícito - o corpo como, de algum modo, base para o homem todo, sem que isto implique nenhum tipo de materialismo ou exclusão do espírito. Nesse sentido, note-se de passagem as formas inglesas, tão familiares que o próprio falante do inglês talvez nem repare mais em sua profundidade: *everybody*, *somebody*, *anybody*, *nobody* etc.

Outro fator complicador dessa nossa reflexão sobre o *Mi* (身), decorre do fato de que o conceito de corpo, no caso, vem embutido num sistema de articulações semânticas distinto daqueles que são usados pelo leitor ocidental.

Com essas observações prévias, podemos agora começar a aproximar-nos do *Mi* (身), conceito tão central na antropologia oriental. Trata-se somente de uma primeira e informal aproximação e, para tanto, o caminho dos provérbios e expressões idiomáticas parece excelente.

Os provérbios japoneses voltam-se principalmente para a descrição/compreensão do ser humano. Jogando com o abstrato e o concreto e destacando, talvez, os aspectos relativos à convivência, na melhor tradição confuciana. O imenso dicionário da editora Robert (1989: 562), que apresenta provérbios de todo o mundo, diz dos japoneses que eles têm um “*charme particulier*” e mais elegância e leveza do que os de outras línguas.

Os provérbios que apresentamos a seguir foram extraídos das coletâneas que indicamos nas referências bibliográficas; projetos editoriais ousados que buscaram recolher os provérbios e/ou expressões idiomáticas mais conhecidas dos japoneses. Como lemos no prefácio de um desses dicionários:

“Estes provérbios e estas expressões foram por muito tempo utilizados entre as pessoas que falam a língua japonesa, portanto enraizados na vivência delas. Numa pequena palavra pode-se encontrar significado profundo que tocam forte e diretamente no coração, e encontramos não poucas destas palavras no nosso cotidiano, convivendo bem próximos de nós. Ao utilizarmos estas palavras (ou expressões), conquistamos uma riqueza maior na nossa comunicação, e ela se torna ainda mais prazerosa.” (Ed. Sankou, 1994:1)

O conceito de *Mi* (身) nos provérbios

Quando lemos a citação anterior, quantos dos leitores imaginaram que o cotidiano lembrado aqui - “*encontramos não poucas destas palavras no nosso cotidiano, convivendo bem próximos de nós*” - pode ser não só o das ruas movimentadas de Tóquio, mas da própria São Paulo, por exemplo? Pois *Mi* (身), destaque deste estudo, aparece numa palavra já bem conhecida entre nós: *Sashimi*(刺身). Portanto, o leitor brasileiro está familiarizado com um primeiro

significado de *Mi* (身) (se quisermos adaptar ao padrão ocidental, que distingue em várias palavras o que o japonês confunde em *Mi*), que enfatiza a carne; a carne que reveste o osso, como aparece no particular corte de peixe do *Sashi-Mi*. Assim, quando há uma situação em que está difícil distinguir as coisas, diz-se: “*É pele ou é Mi*”.

Passando para um segundo significado, muito próximo do anterior, temos *Mi* (身) no sentido do corpo físico.

Hara-mo mi-no uti.

O estômago também faz parte do *Mi*.

Este provérbio trata do *Mi* (身) corpo. Ele diz para não esquecer, quando nos alimentamos, de que o alimento e a bebida vão para o estômago, que não está fora do corpo; ou seja, um alerta contra a gula.

Também a sabedoria das expressões aconselha como medida de segurança: “Deixe o dinheiro pegado ao *Mi*”, bem junto de si, como quando as mulheres escondem cédulas entre os seios.

Nessa mesma linha, encontramos *Mi* (身) no sentido de base para panelas, caixas, recipientes, que servem para conter (nesse caso, o contraponto é dado por uma tampa), como no provérbio:

Mi mo futa mo nashi.

Sem Mi nem tampa.

O sentido é o de que não tem graça ir diretamente a um assunto, sem os comentários adequados dos aspectos contextuais. Nesse caso, a comunicação é insossa: falta-lhe a carne do *Mi* (身).

Do mesmo modo, o corpo, também para nós, é estrutura básica, como quando falamos em corpo docente, corpo diplomático, corpo de baile, corpo da guarda, corporação, incorporar, ganhar corpo etc., à margem de outras dimensões: da alma, do espírito, do coração...

Mi (身), dimensão corporal, pode facilmente estender-se à totalidade: uma vez que o corpo do ser vivo é precisamente um corpo *animado*. Assim,

Mi arite no hokou.

Tendo Mi é que se tem serviço.

Somente tendo um corpo saudável é que se consegue trabalhar. Naturalmente, subentende-se aqui o *Mi* (身) com saúde.

Nessa identificação com o *self*, o *Mi* vale pelo todo da pessoa:

Mi wo sutete koso ukabu se mo are.

Existe o lugar que se abre porque se joga o Mi.

Próximo ao nosso “Quem não arrisca, não petisca”, desde que se entenda o arriscar como radical: o próprio eu é que entra em jogo.

A igualdade fundamental entre os homens tem sua base no *Mi* (身): o que acontece para mim é paradigma do que pode suceder ao semelhante. Nesse sentido, a tradição japonesa aproxima-se do famoso dito de Terêncio: “*Homo sum et nihil humani alienum me puto*”, sou homem e nada daquilo que é humano considero alheio a mim. Ou da, também célebre, sentença de Ortega: “*Yo soy yo y mi circunstancia...*”, circunstância que inclui, sobretudo, outros *Mi*.

Kyou-wa hito-no Mi, ashita-wa waga Mi.

Hoje, o Mi do outro; amanhã, meu Mi.

Incluem-se aí, evidentemente, as incertezas da existência humana, ao sabor do contingente. O que se reflete também em:

Hito-no ue-ni fuku kaze-wa waga Mi-ni ataru.

O vento que sopra em cima do outro, bate em meu Mi...

Hito-no ue mite waga Mi-wo omoe.

Olhe o outro e pense no seu Mi.

Como em muitos provérbios, a mensagem é aberta, puxando para o neutro. Admite, portanto, múltiplas interpretações; no caso, digamos, pôr a barba de molho, aprender (para o bem e para o mal) com as experiências dos outros, não dizer desta água não beberei etc..

Contingências e futuros incertos; mas também há futuros previsíveis (condicionados pelo passado) e condicionados pelo acaso. Em qualquer caso:

Mi areba mei ari.

Se houver Mi, haverá destino.

Seja como for, o principal fator em nossa vida são nossas ações e escolhas. Por elas, em boa medida, somos mais ou menos felizes.

Mi-kara deta sabi.

A ferrugem sai do Mi

O lixo existencial decorre, em geral, de nossa própria atitude diante da vida. Devemos portanto cuidar a moral, que garante a integridade do *Mi* (身).

Mi-de Mi-wo kuu.

É o Mi que consome (come) o Mi.

O provérbio lembra que a principal destruição é a auto-destruição. Também há a variante:

Mi-de Mi-wo tsumeru.

É o Mi que espreme o Mi.

Akuji Mi-ni kaeru.

Ato mau volta-se contra o Mi.

Toda esses cuidados são aconselhados pelos provérbios porque sabemos que o ser humano vive para si mesmo, e só ele é o sujeito da sua vida.

Mi-ni masaru takara(mono) nashi.

Não há tesouro que supere o Mi.

Mi hodo kawaii mono nai.

Nada é tão encantador como o (bom) Mi.

Sendo o centro mesmo da pessoa, não se pode abdicar do próprio *Mi*:

Ko-wo suteru yabu-wa aru-ga, Mi-wo suteru yabu-wa nai.

Até pode haver matagal para desfazer-se de um filho, mas não para arremessar o próprio Mi.

O *Mi* (身) não é somente a base metafísica do ser humano; ele informa também dimensões como a psicológica, a social etc.

Assim, de acordo com o *Mi*, excluem-se certas atitudes, incompatíveis com a dignidade do sujeito:

Mi shirazu-no kuti tataki.

Tagarela que não conhece (não respeita) o Mi.

Pois certos assuntos - ou mesmo o muito falar - não condizem com a dignidade do *Mi* (身). Mesmo as vicissitudes e contingências da vida são (devem ser) proporcionais ao *Mi* (身):

Mi-ni sugita kahou-wa wazawai-no moto.

A sorte que ultrapassa o Mi será a base da desgraça.

Aqui, a tradição japonesa aproxima-se da sabedoria cristã que vê o mal como uma desordem (e não como uma entidade positiva).

Com a encantadora forma nossa, "Parabéns!", estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada "para bens". Pois, qualquer bem obtido (o dom da vida, dinheiro ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal. (Lauand: 2007:47)

Outros provérbios

Mi atataka nareba suimin mashi, Mi yasun zureba ketai okoru.

Se esquentarmos o Mi, ajuda no sono; se acabar a insegurança, surge o Mi preguiçoso.

Ou seja, o ser humano pode se degradar quando permanece numa situação muito confortável.

Mi-no uchi-no takara-wa kutsuru koto nashi.

O tesouro que está dentro do Mi nunca estraga.

O conhecimento e a habilidade aprendidos com muito esforço ajudarão por toda a vida.

Mi-no tomoshibi-wa me nari.

A luz que ilumina o Mi são os olhos.

Tal como no Evangelho de Mateus (6, 22) "A lâmpada do corpo é o olho; se teu olho for simples..."

Mi-no hodo-wo shire.

Saiba o limite do Mi.

Não se deve desejar mais do que se pode. Analise as coisas lembrando de sua posição e de sua capacidade. (Há também: **Mibun souou-ni kurase.**/ Viva uma vida que corresponde às suas condições.)

Waga Mi-ni itsuwari arumono-wa hito-no makoto-wo utagau.

Quem tem em seu Mi falsidade, duvida da verdade do outro.

Quem tem peso na consciência, vê o outro com sua medida, duvida do outro, como no célebre provérbio espanhol: “*Cree el ladrón que todos son de su condición*”.

Waga Mi-no kusasa ware shirazu.

O próprio não percebe o odor desagradável do seu Mi.

Seus pontos negativos são difíceis de serem percebidos pela própria pessoa:

Waga Mi-no kotowa hito ni toe.

Sobre o seu Mi, pergunte aos outros.

Muitas coisas sobre nós mesmos não podemos perceber sozinhos. O melhor é perguntar aos outros para se auto conhecer. E ouvir com humildade as opiniões alheias.

Ryouhou tatereba Mi-ga tatanu.

Se levantar os dois o Mi não levanta.

Considerando as razões dos dois lados, você pode ficar sem a sua razão.

Wagami-wo taten to seba, mazu hito-wo tateyo.

Quer levantar o seu Mi, então comece levantando o outro.

Hito-wo uramu yori Mi-wo urame.

Se é para ficar ressentido com outro, melhor ressentir com Mi.

Antes de ficar odiando o outro, veja se há algo para reavaliar em suas atitudes.

Wagami-wo tsunette hito-no itasa-wo shire.

Beliscar o seu Mi para saber a dor do outro.

A dor que se sente quando se belisca o próprio corpo será a mesma que o outro sente. Assim, devemos nos colocar no lugar do próximo e ter compaixão.

Ada mo nasake mo wagami yori deru.

Tanto o zombar quanto a compaixão sai do seu Mi.

Odiar ou amar alguém, depende de como nos relacionamos com ele.

IkiMi-wa shiniMi.

O Mi vivo é o Mi morto.

Fatalmente, todos os que hoje estão vivendo, um dia morrerão.

Shoubu goto-no suki-na mono-wa Mi-ga motenu.

Quem gosta de jogo, o Mi não segurará.

Quem gosta de jogos de aposta, sucumbirá a eles de corpo e alma.

Investigando a origem do ideograma

Mi (身) é um kanji (ideograma) herdado dos chineses. Sua pronúncia é *shen* (身) e difere do som que a língua japonesa atribui atualmente para ele - que pode ser *Mi* ou *Shin* (som assim herdado do chinês). Da mesma forma que a pronúncia foi mudando na passagem de uma língua para a outra, o significado do ideograma também foi se transformando, cada qual influenciado pelos seus falantes. Um leitor que conheça a língua chinesa moderna perceberá que os significados do *Mi* (身) - muitos não existentes no chinês - são diferentes, mesmo sendo o mesmo ideograma.

Este kanji pode ser classificado como ideograma de imagem/forma, ou seja, um ideograma que é quase uma ilustração do objeto representado: na origem da escrita chinesa, uma mulher grávida. Com a ajuda da imaginação, *Mi* (身) pode sugerir o perfil de uma mulher carregando um novo ser na barriga; o que, no uso cotidiano, passa inadvertido para os usuários da língua. Há um resquício do significado inicial atribuído a *Mi* (身) na expressão idiomática japonesa:

***Mi* (身) futatsu-ni naru.**

Ficou dois Mi (身).

Emprega-se quando alguém teve um filho, ou seja: “*um Mi* (身)”, uma grávida; “*dois Mi* (身)”, depois do parto...

Shen(身), no chinês moderno, corresponde melhor à palavra *karada* (体), mais próxima da nossa “*corpo*”. Em *Mi* (身), o sentido do corpo recebe vários aspectos adicionais não abrangidos por *karada* (体) ou *jiko*, *jibun*, *honnin*(自己, 自分, 本人), etc. Daí a prevalência do uso de *Mi* (身); pelo menos nos provérbios e nas expressões idiomáticas. *Mi* (身) pode ser usado para dizer “Coloquei o avental no corpo.” (fixar o avental ao *Mi* (身)) do mesmo modo que também é usado para dizer “Adquirir conhecimento.” (Fixar o conhecimento ao *Mi* (身)).

Observando atentamente os usos de *Mi* (身), percebemos que é possível reagrupar os provérbios em três classes de associações figurativas (metáforas, metonímias etc.) de captação e tratamento de *Mi* (身), independentemente de seu significado propriamente dito:

1º) No uso mais próximo de carne (osso/pele), tem características que normalmente observamos e associamos aos ingredientes da comida, como: cortar o *Mi*, esfarelar, raspar, amassar, queimar, endurecer o *Mi*; o odor desagradável do *Mi*, etc.. metaforicamente significando: sofrer de frio ou de dificuldades, esforçar-se, sacrificar-se ou preocupar-se, consumir-se por paixão, proteger-se, seus pontos negativos etc.

2º) No uso mais próximo de recipiente (área para conteúdo), recebe características figurativas que representa algo que tem uma quantidade limite para conter ou suportar uma substância, como: sobrar no *Mi*, ir além do *Mi*, estar abarrotado, colocar o *Mi* etc., indicando: algo incompatível a mim, sentir compaixão, fazer de coração etc.

3º) No uso mais próximo de lugar (espaço), recebe características figurativas que representam algo que se move para várias direções. Como na expressão de empatia do português: “colocar-se no lugar do outro”. Podemos aproximar este mesmo sentido à mobilidade que estamos atribuindo aqui ao *Mi* (身). Neste caso, os japoneses dizem: “Sono hito-no Mi-ni naru”, *tornar-se o Mi do outro*.

A idéia de aprendizagem

Trazendo como exemplo a nossa própria experiência pedagógica (HIROSE, 2007), quando elaboramos projetos procurando ou não um enfoque ao vínculo, ao corpo e aos sentimentos das crianças, conscientemente ou não, cada educador estará baseado na forma como concebe o ser humano. Por exemplo: “que somos seres que sentimos, pensamos e agimos numa totalidade que integra o corpo, o coração e a mente”. Ao lembramos dos vários significados do *Mi* (身) verificaremos que está muito próximo do que tentamos expressar na sentença anterior.

Se lembrarmos da expressão “Fixar o conhecimento no *Mi* (身)” percebemos a proximidade de pensamento que vemos nesta sentença: “O conhecimento deve ser feito pela totalidade do indivíduo, e não apenas pela razão. E é essa totalidade que modela as imagens às quais o mundo se adapta.” (MAY,1975:136) Quando falamos de sentimento não significa apenas afeto. Significa, segundo interpretação de May a capacidade total do organismo humano para sentir o seu mundo. “Fixar o conhecimento no *Mi* (身)” consegue conter esta concepção de aprendizagem.

Diante dos esforços que fazemos como educadores para resignificar e promover valores universais dentro do espaço escolar, diante do olhar que temos do homem e do corpo, reconhecemos que não é tão fácil sairmos dos condicionamentos herdados ao longo da história, como o modo de pensar dualista: sujeito e objeto, cérebro e mente, razão e emoção, corpo e ambiente, corpo e alma, interno e externo, eu e outro. No atual momento quando inúmeras áreas do saber com suas múltiplas maneiras de olhar o corpo, tem buscado reconhecê-lo como unidade, as reflexões sobre o conceito *Mi* (身) podem ser uma ajuda para nossos próximos diálogos com o corpo.

Referências Bibliográficas

- HIROSE, C., LIMA, Florice S., AVANZI, Mara. Projeto: sentindo, pensando e aprendendo- uma busca além do ler, escrever e fazer contas in LAUAND, Jean(Org.) **Filosofia e Educação – Estudos 2**. S. Paulo: Factash/CEMOrOc-Feusp, 2007,v.2. p.29-58.
- LAUAND, Jean. Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper. in: LAUAND, Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.
- LAUAND, Jean. Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de S. Tomás de Aquino e nossa Linguagem do Dia-a-Dia. in: LAUAND, Jean. **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação: 20 Conferências sobre Tomás de Aquino**. Coleção Humanidas, V.1. São Paulo: Factash Editora, 2007.
- MAY, Rollo. **A Coragem de criar**, 14ª impr., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- MACMILLAN, ed. **Niti-Tyu-Ei-Gengobunka Jiten**, Tokyo: Ed. Macmillan Language House, 2000.
- MURAYAMA, Makoto. **Kotowaza, Kanyouku, Omoshiro Jiten**, Tokyo: Ed. Saera shobou, 1986.
- NAGAOKA, shoten. **Ditsuyou Kotowaza Shoujisho**, Tokyo: Ed. Nagaoka Shoten. 1981 (1ªed.) 1992.
- ROBERT, ed. **Robert Dictionnaire de Proverbes et Dictions**, Paris, Ed. Robert, 1989.
- SANKOU, shuppan. **Shinpan Koji Kotowaza Shinjiten**, Tokyo: Ed. Sankou shuppan, 1994.